

Índios querem escola que ensine Guarani

Reportagem Local

Eles querem a construção de uma pequena escola, um professor, material escolar e merenda. Se reuniram e decidiram procurar ajuda de todos para a sua reivindicação. Por isso foram à Câmara Municipal de São Paulo pedir apoio dos vereadores. De uma coisa eles não abrem mão: a escola terá que ensinar às crianças e adultos o Gwyrápá (Guarani), sua língua de origem, além do Português.

Eles são os cento e oitenta índios da tribo Guarani que vivem há 27 anos no Morro da Saudade, região de Parelheiros (zona Sul da Capital), chefiados pelos caciques José Fernandes, 45, e Nivaldo Martim da Silva, 39.

"Para as crianças ir à escola da vila não dá. O material é caro, temos que comprar roupas para ir à escola e nós não temos. Além disso, elas vão perder a nossa língua", argumentou José Fernandes, o único alfabetizado (em guarani e português), que até o ano passado dava aulas para os membros da aldeia.

Ligação com o passado

Eles já têm o local para a construção da escola, o mesmo onde José Fernandes ensinava as crianças e adultos o Gwyrápá. "Tive que parar para cuidar dos problemas de terra que temos. Agora os onze alqueires do Morro da Saudade e Crucutu estão sendo demarcados, pelo menos isso está sendo resolvido", contou o professor, acrescentando que amanhã, Dia Nacional do Índio, a aldeia receberá os papéis de posse da terra.

Na aldeia o idioma utilizado por todos é o Guarani, as crianças menores não conhecem o Português e a orientação imposta pelos pais é a de que dentro do Morro da Saudade ninguém se expresse senão na língua de origem. Nivaldo Martim explica: "Queremos ficar sempre em contato com o nosso passado, não esquecer que somos índios".

Dos cento e oitenta índios do Morro da Saudade, cerca de cem são crianças. Entre elas, quarenta em idade escolar, segundo cálculo feito pelos caciques. A escola, segundo a visão dos líderes indígenas, seria tanto para os adultos como para as crianças aprenderem a ler e escrever em Português e Gwyrápá. O único que escreve em Guarani é José Fernandes, que mostra orgulhoso um

livro religioso (que ele diz ser a Bíblia), escrito na língua, que lhe foi enviado por outro cacique paranaense. Quando a escola vier, José Fernandes se dispõe a ser o professor de Guarani.

Consultada a respeito da reivindicação, a secretária municipal de Educação Guiomar Namó de Mello, 42, disse que se alguma proposta for feita para a Secretaria pela comunidade indígena, "será estudada dentro

da especificidade do caso, já que é único em todo o Município". Guiomar Mello afirmou ainda que analisará o problema, a nível funcional, de se ensinar o Guarani dentro do currículo escolar. "Antes de tudo temos de ver os recursos disponíveis para a construção da escola dentro da política geral da Secretaria, pois não podemos esquecer que existem trezentas mil crianças no Município sem escola."

Flávio Canalonga



O cacique José Fernandes ensina Guarani, na sede da aldeia, observado pelas crianças e pelo cacique Nivaldo Silva

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 1488

Data: 18.04.88

Pg.: _____